



Paolo Ricci 1985

1985 - 1986 - 1987 - 1988 - 1989 - 1990 - 1991 - 1992 - 1993 - 1994 - 1995 - 1996 - 1997 - 1998 - 1999 - 2000 - 2001 - 2002 - 2003 - 2004 - 2005 - 2006 - 2007 - 2008 - 2009 - 2010 - 2011 - 2012 - 2013 - 2014 - 2015 - 2016 - 2017 - 2018 - 2019 - 2020 - 2021 - 2022 - 2023 - 2024 - 2025

PAOLO RICCI

CAPA: "ROMANZA"
óleo sobre tela 56x45

Paolo Ricci – Traços biográficos

Filho temporão dos imigrantes italianos Aristeo e Giorgia Ricci, estabelecidos na Região das Ilhas, Pará, no princípio do século, no “boom” da borracha. Formação total em Belém, do primeiro grau à Faculdade de Direito.

Iniciou-se na pintura em novembro de 1950, na exposição de Win Wan Dijck, tendo tido a primeira orientação impressionista. Continuou encostado nos artistas da terra e nos que visitavam e expunham em Belém. Conheceu Leônidas Monte, de quem foi amigo e discípulo.

Teve grande orientação crítica de Frederico Barata.

Em 1965 foi expor e estudar na Bahia. Aulas livres na Escola de Belas Artes local, freqüentando o atelier do pintor e escultor Mário Cravo Jr.

Em 1966 foi bolsista nos Estados Unidos, percorrendo o país.

Bolsista da Fundação Nacional de Arte para o levantamento das artes plásticas no Pará.

Jornalista, conferencista, cronista, contista e membro de comissões julgadoras, em 1980 ingressou na Academia Paraense de Letras.

Catalogado em vários dicionários de arte, obras em vários museus, inclusive no Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro.

GALERIA ROMULO MAIORANA

PAOLO RICCI

EXPOSIÇÃO RETROSPECTIVA
ANOS 1951 a 1988

vernissage: 8 de novembro de 1988

SUBLIMAÇÕES
(1986 - 1988)

Patrocínio:



A reportagem visual de Paolo Ricci

A presença do artista plástico PAOLO RICCI, a partir da inauguração da "bottega" Santo Antônio de Pádua, no dia 6 de novembro de 1987, emoldura e privilegia a sua renovada alegria de pintar. E, nos diversificados caminhos de uma mesma direção, percorridos desde 1951, quando participou de exposição coletiva promovida pela Sociedade Artística Internacional, encontramos, mais do que as profundas marcas de uma razão de ser, os sinais da coerência recitados em uma pintura essencialmente lírica.

Nas formas de representações incompletas, limitadas a um número reduzido de linhas e faixas construídas de cores puras, PAOLO RICCI confessa e descreve o seu lado mais intimista, cândido e generosamente fértil. Sem filigranas e imune ao modismo de eventos e correntes efêmeras, assume o simplismo plástico como meio de expressão, sacrificando conscientemente a exatidão das formas, a perfeição do desenho e a clareza dos contornos, para nos apresentar, em diferentes técnicas, imagens que brotam de nítidas referências de um roteiro sentimental da vida vivida.

Na caminhada de encontro marcado consigo mesmo, nas janelas, nos

balcões, nas portas, nas calçadas, o passado regressa e nos direciona para ruazinhas coloridas de fraternidade, inocência e sensualidade. PAOLO RICCI, com essa realidade interior, sutilmente nos identifica o sacro e o profano, sem estabelecer os limites entre as "zonas" do permitido e do censurado. E dessas zonas harmônicas e nostálgicas, mais presentes nas pinturas recentes de PAOLO RICCI, a expressividade das cores libera a sensação de que as figuras de rostos de leitura dificultada foram pinçadas de fotos esmaecidas do álbum da cidade, onde, perdida a memória, esquecemos o diálogo.

Em contraste, no silêncio e vazio das construções não pintadas, aparece o novo homem urbano, momentaneamente abstraído de suas incertezas e restos inúteis, como personagem essencial desse instigante monólogo com a realidade que, em qualquer tempo, não disfarça a verdade. Portanto, na mostra, uma síntese de emoções reais que habitam na consciência do artista e são apresentadas com originalidade, quando, como agora, pintadas com criatividade.

Belém, maio de 1988
Gileno Muller Chaves



Imagens de família – 55 x 81 cm – óleo sobre tela – 1988

É sempre um prazer ter contato com os artistas do Norte do País e atendê-los no desenvolvimento das próprias atividades.

Agora vem ao Sul, de Belém, um pintor que várias vezes expôs por aqui: Paulo Ricci, elemento bem considerado.

Dele foi notada, no ano passado, uma amostra no Museu Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro, confirmando suas qualidades. Distingue-se na composição de figuras e mais especialmente, nas paisagens, oferecendo aos visitantes o espírito de uma pintura, hoje de impossível definição como tendência, pois os modos de se manifestar tornaram-se de tal amplitude que proibem um registro. Várias telas, em particular as vistas de sua

cidade, mostrando a paisagem urbana em seus múltiplos aspectos, realizadas numa simplicidade voluntariamente sintética, acentuada na pateticidade das cores, testemunham a presença de um artífice de valor.

Mais que os hieróglifos críticos vale a observação, procurar compreender a reflexão do produtor, o itinerar nos momentos criativos: apreciar uma obra significa, possivelmente, descobrir intenções e soluções do autor.

Paulo Ricci merece atenção, nesta nova e vigorosa fase da arte brasileira, como um adepto do figurativo.

P.M. Bardi
1986

PAOLO RICCI é um homem que encontrou a verdade da vida no mundo objetivo das formas. Aprendê-la, traduzi-la e transmiti-la é sua magna função e sua missão de artista entre os outros homens. E artista, sua natureza revela-se pela paixão da pintura que o escraviza e o transforma no trabalhador infatigável cuja fecundidade é uma das provas do seu talento e da sua vocação.

Moço ainda, Paolo Ricci é um pintor que já tem um passado. A sua pintura tem sido um caminho aberto e constante em que o sentido das coisas e o esforço de recriá-las são de uma incessante renovação. Está, assim, toda sua obra marcada por fases e etapas de uma conquista contínua e de um domínio cada vez mais seguro de sua arte.

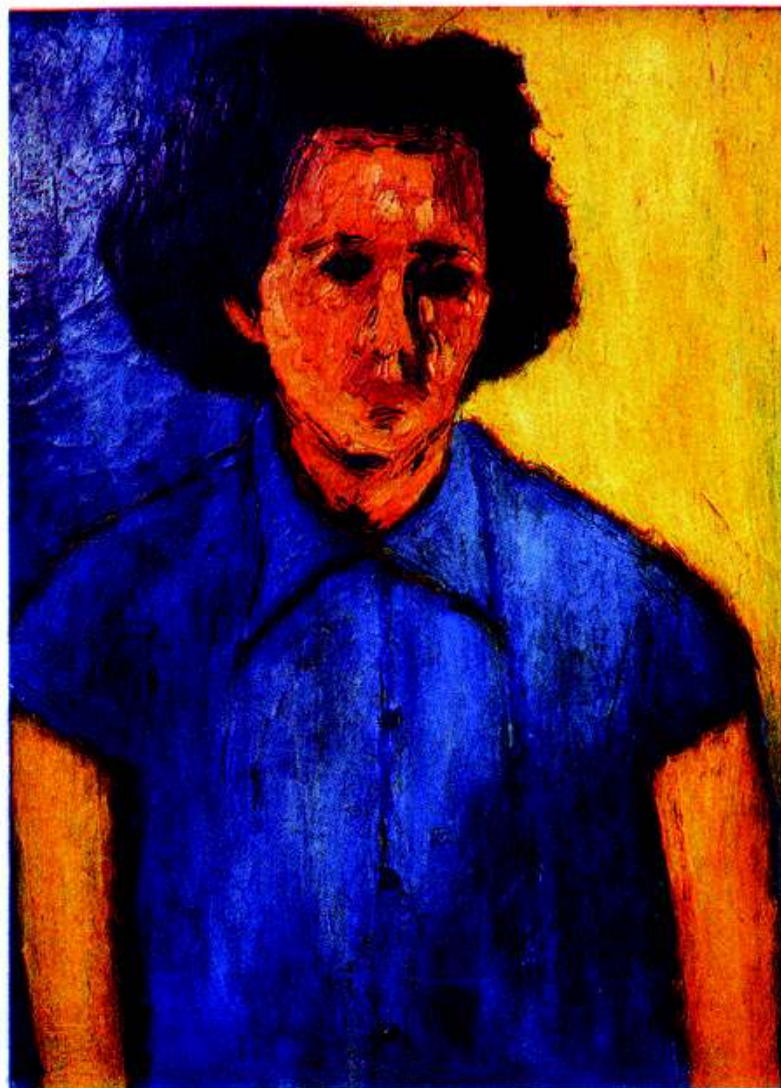
A pintura de Paolo Ricci é, antes de tudo, uma construção da cor. Para ele, como para Delacroix, (e não nos esqueçamos que a pintura do nosso século tem uma das suas raízes mais distantes no grande pintor romântico), a pintura comporta como "base necessária a idéia de cor". É com ela, como elemento principal de sua obra, que ele compõe o seu universo, o universo da sua criação pitórica, no espaço ao mesmo tempo limitado e infinito do quadro. É um prazer dos mais puros, esteticamente falando, o que nos oferecem os seus azuis, amarelos e vermelhos, os seus alaranjados e róseos, ou os seus neutros. Sem dúvida alguma, os meios expressivos mais eficazes de Paolo Ricci repousam no admirável cursivo de seu colorido. Como um escritor possui a inteligência da palavra, Paolo Ricci é dono de uma inteligência da cor. Mas, a cor não é nunca um recurso meramente decorativo, ela é, sim, para ele, como pin-

tor, a realidade essencial da matéria. E um belo exemplo dessa formação e realização do pitórico pela cor está em seus *Noturnos*, telas que constituem uma das mais sedutoras fases de sua vida artística. Nessas telas o sentimento do mundo, que é solidão e silêncio dentro da noite, não se traduz retoricamente pelo uso *literário* da cor, mas se faz, pela cor, visão plástica de um sentimento, o composto formal de uma obra que é pintura, e somente pintura.

Nasce com a cor, nos quadros de Paolo Ricci, toda uma construção, à primeira vista, oculta que se vai impondo ao nosso olhar, adquirindo nítidas linhas e volumes. E com a cor e uma variada maneira de aplicar a tinta, o pintor cria uma bela matéria pitórica que não é só objeto do visual, pois que toda boa pintura, como observou Bernard Baranson, traz consigo, também, valores táteis. Há um sutil prazer sensual no sentir, com a vista, as impressões de natureza tátil dessa matéria pitórica viva e rica de certas telas de Paolo Ricci.

Paolo Ricci é o pintor. Se a sua exposição apresenta uma diversidade aparente de estilos e de técnicas, que marcam rápida evolução artística, é que para ele, como para Kandinsky, "todos os processos são sagrados se eles são interiormente necessários". E a sua obra é uma obra de paixão, como só poderia ser a de um homem que descobriu na pintura a sua razão de existir. E, consciente de sua arte, soube afastar de seus quadros a facilidade enganadora, a eloquência vã e sentimental e a mistificação literária que são, quase sempre, vícios mortais para o artista. Para Paolo Ricci a pintura é algo, ao mesmo tempo, muito simples e muito difícil – é apenas pintura.

F. Paulo Mendes



Retrato de Eliete Freire Ricci – 61 x 50 cm
óleo sobre tela – 1958

EXPOSIÇÕES COLETIVAS:

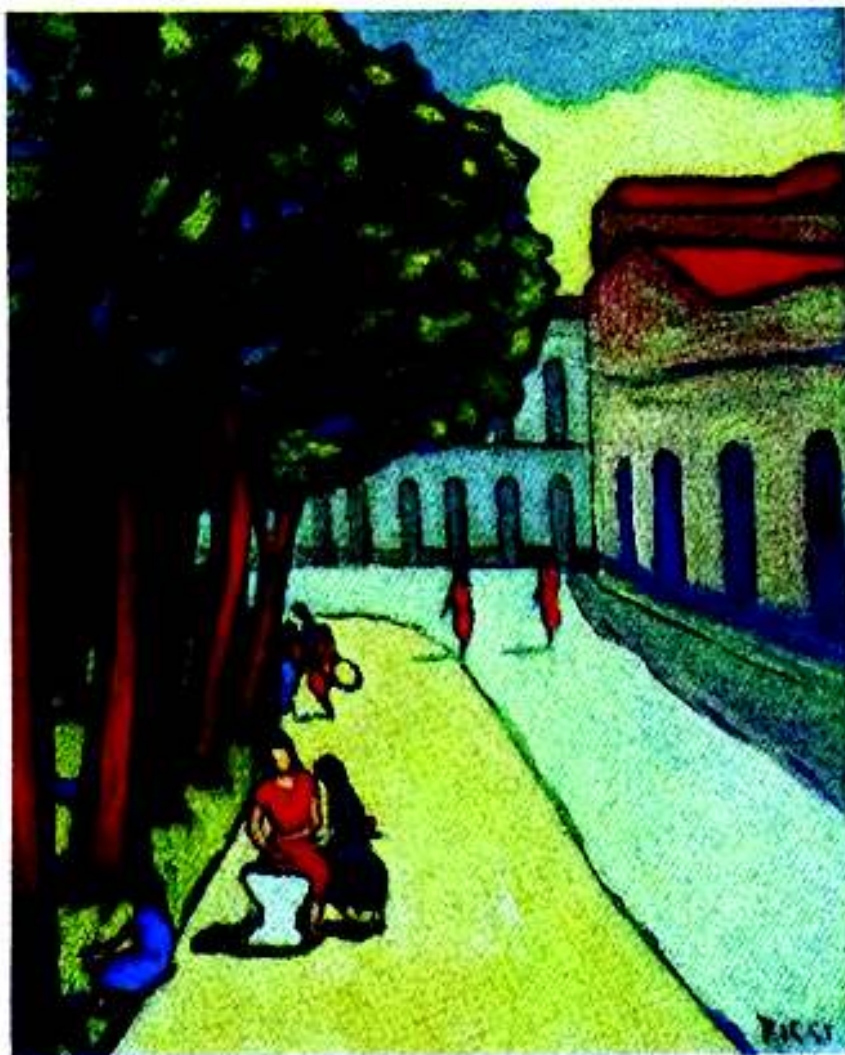
- 1951 Sociedade Artística Internacional, Belém
- 1952 Salão Oficial do Estado do Pará
- 1953 Salão Oficial do Estado do Pará
- 1965 II Salão da Universidade Federal do Pará – não concorrente
- 1966 Exposição de Acervo – Whitehouse Gallery – Nova Iorque
- 1975 XXV Salão de Abril, Fortaleza, Ceará
- 1975 XXV Salão de Arte Moderna, Rio de Janeiro
- 1977 Coletiva de Artistas Paraenses – Galeria Theodoro Braga, Belém
Artistas da Amazônia – Hotel Meridien-Air France, Paris
- 1978 Centenário do Teatro da Paz – Galeria Theodoro Braga, Belém
34º Salão Paranaense, Curitiba, Paraná – Artistas do Pará e Minas Gerais – Galeria Rodrigo M.F. de Andrade, Funarte, Rio de Janeiro
- 1983 Feira da Cultura Brasileira – Pavilhão da Bienal, São Paulo
- 1975 Náutico Atlético Cearense, Fortaleza, Ceará
Museu Histórico e Artístico do Maranhão – São Luiz
Galeria Panorama – Salvador, Bahia
- 1976 Casa da Cultura Raymundo Cella – Fortaleza, Ceará
- 1977 Galeria Fandango, Olinda, Pernambuco
- 1982 Galeria “A” – Fundação Cultural do D. Federal – Brasília
- 1983 Piccola Galleria – Instituto Italiano de Cultura, Rio de Janeiro
- 1985 Retrospectiva 35 anos – Museu Nacional de Belas Artes – Rio de Janeiro
- 1986 Galeria Place des Arts Copacabana Palace – Rio de Janeiro
- 1987 Pequena retrospectiva; “Bottega” Santo Antônio de Pádua – Belém
- 1988 Grande retrospectiva, 1951 a 1988, Galeria Romulo Maiorana

EXPOSIÇÕES INDIVIDUAIS:

- 1958 Assembléia Paraense, Belém
- 1961 Clube do Remo, Belém
- 1964 Galeria do USIS: obras de 1961
Galeria do USIS: obras de 1962
Galeria do USIS: obras de 1963
Noturnos – Centro Cultural Brasil-Estados Unidos
Biblioteca Pública do Estado do Amazonas
- 1965 Centro Cultural Brasil-Estados Unidos, Belém
Galeria do USIS – Salvador, Bahia

OBRAS NOS SEGUINTESE MUSEUS E PINACOTECAS OFICIAIS:

Museu Nacional de Belas Artes – Rio de Janeiro, Museu do Estado do Amazonas, Museu da Universidade Federal do Pará, Museu Histórico e Artístico do Maranhão, Pinacoteca Municipal de Belém, Pinacoteca do Conselho Estadual de Cultura – Belém, Pinacoteca da Fundação Cultural do D. Fedral.



Dia perfeito – 61 x 50 cm – óleo sobre tela
1958

Obras da parte Retrospectiva 1951-1978, acervo de Eliete Freire Ricci, não negociáveis

- Nº 01 - "Paisagem sobre o Rio Tocantins" (49x70 cms) óleo sobre tela - 1951
- Nº 02 - "Altar de S. Sebastião, da C. da Sé" (40x30) óleo sobre tela - 1951
- Nº 03 - "Paisagem do Bairro da Pedreira" (22x28) óleo sobre madeira - 1951
- Nº 04 - "Arredor do Igarapé das Almas (Doca) (50x40) óleo sobre tela - 1958
- Nº 05 - "Girassóis" (40x30) óleo sobre tela - 1958
- Nº 06 - "Cabeça de jovem serviçal" (40x30) óleo sobre tela - 1958
- Nº 07 - "Rua Mundurucus" (48x37) óleo sobre tela - 1958
- Nº 08 - "Retrato do pintor Leônidas Monte" (50x40) óleo sobre tela - 1958
- Nº 09 - "Dia Perfeito" (61x50) óleo sobre tela - 1958
- Nº 10 - "Rua dos Tamoios" (40x50) óleo sobre tela - 1958
- Nº 11 - "Retrato de Eliete Freire Ricci" (61x50) óleo sobre tela - 1958
- Nº 12 - "Estudo" (40x30) óleo sobre tela - 1959
- Nº 13 - "Noturno" (55x46) óleo sobre tela - 1959
- Nº 14 - "Auto-retrato" (61x50) óleo sobre tela - 1959
- Nº 15 - "Noturno" (30x40) óleo sobre tela - 1960
- Nº 16 - "Auto-retrato" (61x50) óleo sobre tela - 1961
- Nº 17 - "Recanto de estúdio" (61x50) óleo sobre tela - 1961
- Nº 18 - "Composição com garrafa" (61x50) óleo sobre tela - 1962
- Nº 19 - "Composição com bisnagadas" (61x50) óleo sobre tela - 1962
- Nº 20 - "Composição" (61x50) óleo sobre tela - 1962
- Nº 21 - "Natureza morta" (46x51) óleo sobre tela - 1962
- Nº 22 - "Composição com candieiro" (61x50) óleo sobre tela - 1962
- Nº 23 - "Composição sobre o pano verde" (50x70) óleo sobre tela - 1963
- Nº 24 - "A última ficha" (61x50) óleo sobre tela - 1963
- Nº 25 - "Auto-retrato" (61x50) óleo sobre tela - 1964
- Nº 26 - "Auto-retrato" (61x50) óleo sobre tela - 1964
- Nº 27 - "Auto-retrato" (40x30) óleo sobre tela - 1964
- Nº 28 - "Auto-retrato" (61x50) óleo sobre tela - 1964
- Nº 29 - "Rua 28 de Setembro ao entardecer" (61x50) óleo sobre tela - 1965
- Nº 30 - "Auto-retrato" (61x50) óleo sobre tela - 1978